

SORTE E FELICIDADE

***Roberto Rodrigues**

Participei recentemente de um debate sobre formação profissional. A escassez de engenheiros veio à tona e a questão da atração de jovens para esta função foi amplamente discutida. Como trazê-los para uma área tão essencial ao desenvolvimento da sociedade brasileira, se as carreiras ligadas às finanças são muito mais atrativas, inclusive com “promessas” de ganhos rápidos e significativos, e em pouco tempo? Por que um jovem se arriscaria a ganhar muito menos e trabalhar mais, sem os horizontes da riqueza vislumbrados no setor financeiro?

Aprendi na vida, em busca da felicidade, que um bom roteiro é ter prazer no que se faz. Levantar todo dia bem cedo, pensando nas coisas por fazer e sentir entusiasmo por fazê-las já é meio caminho andado; mas não basta: é preciso também saber fazer, para dar certo. Não adianta gostar da profissão se não houver dedicação a ela, aprendendo o que há de mais novo na atividade, estando sempre à frente dos outros. Mas também não basta: é preciso ter sorte!

É isto: gostar da profissão, saber exercê-la com perfeição e ter sorte. Mas não seria esta uma visão superficial das coisas da vida? Sorte é assim tão fundamental? Afinal, não é certo o ditado segundo o qual “Deus ajuda a quem cedo madruga”? Isto é, quem se dedica firmemente a uma tarefa não será recompensado? Claro que há esta ligação direta, mas também é claro que a vida é mais fácil para uns do que para outros. Neste sentido, duas pessoas que se dedicam igualmente a um mesmo trabalho poderão ter resultados não equivalentes. E não se chama sorte o fato de nascer mais bem dotado de bens materiais, ou de estudar em melhores escolas: isto está explicado. Isto é favorecimento, e sorte é a maneira como caem os dados, é um privilégio que determina a sucessão de coisas boas sem que haja uma atitude preliminar, independe do esforço realizado. A gente não acha a sorte: ela simplesmente aparece e faz a gente mais feliz.

E aí surge outra discussão: e a felicidade, como se obtém, o que é? Basta ter sorte? Claro que não. Muito menos é ganhar bem, ter uma boa renda. Tanto é verdade que hoje se sabe que o PIB elevado não representa bem-estar da sociedade. Por essa razão, a ONU já vem discutindo o IVH (Índice de Valores Humanos) em que, com base em educação, saúde e trabalho, são avaliadas as expectativas, sonhos, aspirações e percepções da sociedade, orientando até possíveis políticas públicas. Isto já é mais que o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), que marca somente educação, saúde e longevidade.

Mas é menos do que o PIB (Felicidade Interna Bruta), lançado pelo presidente francês Nicolas Sarkozy e apoiado pelo Prêmio Nobel de Economia de 2001, Joseph Stiglitz, para quem não basta medir o resultado da economia, mas é preciso medir o bem estar das populações beneficiadas pelo crescimento econômico.

Todos estes temas vieram à baila no debate referido: como atrair os jovens? Há diferentes aproximações para diferentes públicos. Na graduação, colocar emoção, de modo que os alunos se sintam bem com o curso. Os jovens são mais apaixonados, e devemos fazê-los amar a disciplina e, através dela, levá-los a amar ao seu país, criando o sonho de participação na história do desenvolvimento do seu povo. Já no mestrado e no MBA, os cursantes não são tão jovens: são profissionais trabalhando em área ligada ao curso. Neste caso, a carga é muito mais de informação técnica do que de emoção. Isto é: na graduação, o gostar do que se faz; no mestrado, o saber fazer.

E torcer para a sorte sorrir para cada um e para todos.

Finalmente, perguntou-se, após todas estas questões serem debatidas, qual o melhor caminho para a felicidade. Isto já discuti neste mesmo espaço, há tempos, e reitero: a vida é um trem no qual se entra no nascimento e do qual se sai na morte. E os trilhos são o amor e a justiça. Sobre eles é que se dá a viagem: a felicidade é a viagem, não é uma estação em particular.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**